

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

Eliminar o desemprego no capitalismo é uma ficção [Eliminating unemployment in capitalism is a fiction]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Antunes, Ricardo, 1953-
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 01:04:18
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163365

assalariada e estava no campo. O que houve foi o compromisso do País em constituir a chamada sociedade salarial, quando ainda o trabalho assalariado era minoritário. A CLT hoje tem várias décadas de existência, e o assalariamento continua como foi. A CLT se fosse instituída antes dos anos de 1930, provavelmente não teria a eficácia que teve, porque o modelo econômico era desfavorável ao assalariamento. Acho que é isso o que está faltando na discussão sobre a reforma sindical e trabalhista: que tipo de projeto de país nós queremos para as próximas cinco décadas? Qual vai ser o centro do trabalho? Vai ser trabalho assalariado, autônomo, cooperativo? Isso não está claro. Vai haver uma mudança que é basicamente interesse de assalariados. Hoje a cada dois ocupados um é assalariado. Outros são autônomos, e esse segmento não tem representação.

IHU On-Line- As recentes declarações do presidente do PT, José Genoino, afirmando que o rumo da política econômica do governo não vai mudar, estariam matando as esperanças da representação desses setores?

Márcio Pochmann- Com certeza, o governo federal dá demonstrações de que ele está convencido de que, aplicando a mesma política econômica do governo anterior, pode obter resultados diferentes. Entendo que será algo inédito se isso ocorrer. Estamos condenados a colher resultados que já sabemos quais são.

IHU On-Line- O que deveria mudar urgente nas universidades para que sejam instituições que não se conformem em preparar pessoas para o mercado de trabalho, e sim questionem mais esse mercado que expulsa pessoas e proponham outras alternativas?

Márcio Pochmann- Eu entendo que a sociedade brasileira, de uma maneira geral, está inconformada com o País que nós temos hoje. Celso Furtado disse que nunca esteve tão longe a distância entre o País que podemos ser e o País que de fato somos. O papel da universidade, entre outros, é o de conhecer melhor a realidade brasileira e oferecer uma melhor avaliação do Brasil nas suas mais diferentes áreas de conhecimento. O primeiro passo para transformar a realidade é conhecê-la. Este é o compromisso da universidade: oferecer indicadores que permitam conhecer a realidade, para que o universitário, que tem acesso ao conhecimento, possa ajudar a transformar o País.

“ELIMINAR O DESEMPREGO NO CAPITALISMO É UMA FICÇÃO”

Entrevista com Ricardo Antunes

*Ricardo Antunes é Professor Titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Recentemente foi Visiting Research Fellow na Universidade de Sussex, Inglaterra. Fez concurso para Titular e fez Livre-Docência na Unicamp, em Sociologia do Trabalho. Doutorou-se em Sociologia, pela USP e fez Mestrado em Ciência Política na Unicamp. Publicou diversos livros entre os quais destacamos **A Rebeldia do Trabalho** (Campinas: Unicamp, 1986); **Adeus ao Trabalho?** (São Paulo: Cortez, 1998); e **Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 7ª edição, 2002. Atualmente coordena a Coleção Mundo do Trabalho, pela Boitempo Editorial e Trabalho e Emancipação, pela Editora Expressão Popular. Colabora regularmente em revistas e jornais nacionais e estrangeiros. O professor, escritor e pesquisador conversou com **IHU On-Line**, por telefone na sexta-feira passada sobre o lugar do trabalho na sociedade contemporânea. Dele, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 97ª edição, de 19 de abril de 2004.*

IHU On-Line- A que o senhor atribui o sucesso do seu livro *Adeus ao trabalho?*, traduzido em várias línguas e em sua 9ª edição em português?

Ricardo Antunes- O meu livro foi publicado em sete países, Brasil, Itália, Espanha, Argentina, Venezuela Colômbia e México. Eu atribuo a sua boa receptividade ao fato de que ele é uma resposta latino-americana para a crise que se passa no mundo do trabalho, onde em geral, as posições dominantes eram do tipo eurocêntricas, de autores como André Gorz, Habermas, Dominique Méda ou o norte-americano Jeremy Rifkin, para citar alguns exemplos. Acho que meu livro foi uma resposta, mostrando que é impensável falar do fim do trabalho sem olhar para o assim chamado terceiro mundo, onde se encontram dois terços da população humana que trabalha. O meu livro posterior *Os sentidos do trabalho* também está em sétima edição no Brasil e está sendo traduzido para o espanhol e o italiano. Este livro corresponde a um ano de pesquisa de pós-doutorado, feita por mim na Inglaterra, na Universidade de Sussex.

IHU On-Line- Atualmente, o desemprego atinge, no Brasil, seus mais altos índices. O governo atual não está sabendo dar respostas nesse sentido?

Ricardo Antunes- Tratar de desemprego implica tratar duas dimensões: a primeira eu chamaria de um desemprego estrutural. A lógica do sistema global do capital hoje, da transnacionalização da economia da chamada globalização ou mundialização da economia, as empresas na competitividade estabelecida entre elas em âmbito mundial Japão, EUA, Europa, América Latina, Ásia, etc., elas têm uma lógica: reduzir o trabalho vivo, ampliar o trabalho morto, ou seja, o maquinário técnico-científico, reestruturar a organização sociotécnica do trabalho, visando a aumentar a produtividade das empresas para poder entrar na lei da selva da competição. Essa lógica se intensificou com a crise estrutural do capitalismo, a partir de 1973, normalmente chamada de forma superficial de crise do Taylorismo e do Fordismo e com o neoliberalismo, que é o ideário e a pragmática própria da fase da reestruturação produtiva. Então combater o desemprego e imaginar que se vai eliminar o desemprego no capitalismo é uma completa ficção hoje. O sistema global do capital oscila entre a necessidade de ter o trabalho perene, mas, ao mesmo tempo, ter no outro pêndulo, o trabalho supérfluo. Uma parcela da classe trabalhadora é indispensável e ambas as parcelas da classe trabalhadora tornam-se supérfluas. Esse é o movimento do capital. Em segundo lugar, é também um problema mais conjuntural. Depois do Consenso de Washington e da implantação das políticas neoliberais, os governos são induzidos a implementarem o mesmo receituário, sejam governos de direita ou de esquerda. Esse receituário é o que já sabemos: privatização, financeirização da economia, desregulamentação do trabalho, flexibilização das leis trabalhistas, incentivo do mundo privatizado e desregulamentado. Conseqüentemente já há um fator estrutural que empurra para o desemprego, e a ele é acrescido um fator conjuntural que faz com que o sistema financeiro internacional, os organismos bilaterais ou multilaterais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e outros, e os governos nacionais dos países dominantes, EUA, Europa, etc. Se eles empurram os governos do conjunto do mundo para aplicarem políticas neoliberais, acentua o desemprego. Essa é a tragédia que embaralhou o governo Lula e da qual ele não tem mostrado nenhuma capacidade de sair. Prisioneiro desta impulsão estrutural do sistema capitalista que impele para o desemprego estrutural, Lula pratica uma política econômica em sintonia adequada à pragmática neoliberal. O resultado é esse que vemos nos jornais desta semana: São Paulo passou de 20% dos níveis de desemprego. Só na cidade de São Paulo, são mais de 2 milhões de desempregados. Há bairros em São Paulo com mais de 60% de desemprego. E isso não vai diminuir, é uma ilusão dizer que o País vai crescer, porque a política é totalmente vulnerável à pressão norte-americana. Este governo, continuando a política econômica anterior de FHC, continuando a política anterior de Collor, todos eles

seguindo uma política neoliberal, se mostra incapaz de, minimamente, tentar um projeto alternativo, embora tenha sido o discurso do PT durante 24 anos. Foi só Lula ganhar o poder para desdizer tudo o que disse no passado.

IHU On-Line- A promessa eleitoral de criar 10 milhões de empregos é também uma ficção irrealizável dentro do capitalismo?

Ricardo Antunes- Era uma manipulação de propaganda eleitoral. Duda Mendonça falou para ele o que o povo quer ouvir. Para que o Brasil pudesse criar dez milhões de empregos, ele precisaria ter um profundo crescimento econômico com outra política econômica. Crescimento econômico não é sinônimo de emprego. A ditadura militar cresceu muito e havia desemprego. O capitalismo pode crescer empregando pouco. A discussão atual sobre salário-mínimo é grotesca. Falamos de 260, 270 reais, o salário mais baixo da América Latina. O Brasil, que já foi a oitava economia do mundo, hoje está na 14ª, 15ª posição. Ter um salário abaixo da maioria dos países da América Latina é grotesco. O governo Lula está com salários baixos, com o grosso de nossa produção voltada para o pagamento dos juros e da dívida externa, para os juros do sistema financeiro internacional, imagina que vai alavancar a economia brasileira, criando fundos privados e pensão? Fundindo o sistema financeiro internacional e o sindicalismo de negócios? É ficção. O resultado é uma tragédia.

IHU On-Line- Olhando para os outros países da América Latina, como o senhor vê que estão enfrentando a atual situação? É possível ainda no contexto global que algum estado-nação faça mudanças alternativas ao poder hegemônico do capital?

Ricardo Antunes- É possível sim, e necessário. Se isso não for feito vamos intensificar a barbárie. Nós já vivemos a barbárie, com 20% de desemprego em várias capitais. Qual é a alternativa? Vamos começar pela Venezuela. Quando Chávez ganhou a eleição estava tudo preparado para privatizar a companhia de Petróleo venezuelana (PDV), um esquema norte-americano, interesses privados, os gestores da PDV corrompidos pela privatização, todos de acordo. O presidente Chávez travou esse processo. Sofreu uma brutal oposição e conseguiu reverter o quadro. Está com dificuldade, mas está buscando uma política de efetiva participação popular. O governo Kirchner, na Argentina, também é interessante. Foi eleito com baixa votação, tendo menos votos que Carlos Menem no primeiro turno. Não houve segundo turno porque Menem renunciou. Um governo que assumiu com um apoio popular muito fraco, mesmo assim, chamou o FMI e disse: “Não dá mais para fazer o que vocês estão querendo”. A Argentina era um país com razoável nível de seguridade social. Era um país com um padrão de vida bastante razoável para os padrões de vida latino-americanos e isso foi desmontado pela barbárie da ditadura militar e depois pelos governos Alfonsín e pelo arqui-corrupto governo Menem. Kirchner subiu e disse: “Não dá mais. Primeiro vamos arrumar a casa e depois vemos o que vamos fazer”. Imagine se o Lula tivesse feito isso com 53 milhões dos votos. Teria dito: “Não dá mais. Agora eu tenho 53 milhões de votos, uma população trabalhadora enorme. Tenho um nível de informalização do trabalho que é quase de 60%, um nível de indigência e miséria que passa de 30 ou 40 milhões, não posso mais segurar isso, vamos ter que mudar para valer a política econômica: queira ou não o FMI”. Era só articular com a Argentina, Venezuela, Cuba, Índia, China, Rússia. O Lula, ao mesmo tempo, que quer conversar com Chávez, Kirchner e Fidel, é o paladino do neoliberalismo. Quer se mostrar ao FMI como mais confiável que FHC, mais realista que o rei, quer ser uma espécie de nome de consenso. É uma piada, porque neste campo ou você está de um lado ou de outro. Tanto na política interna como na externa é um governo amedrontado e servil, em processo de erosão, o que é muito triste e preocupante, porque os que votamos no Lula imaginamos alguns níveis de mudança, não

tínhamos muita ilusão, mas algum nível de mudança. O que mudou foi dentro do neoliberalismo e para pior.

IHU On-Line- O governo argumentou justamente, em diversas oportunidades que não queria virar uma outra Argentina...

Ricardo Antunes- É. Não queria que o Brasil virasse uma Argentina, só que agora, a Argentina está conseguindo devagarzinho resgatar um mínimo de dignidade, e o Brasil está virando o que a Argentina era dois ou três anos atrás, estamos chegando lá depois de um ano e quatro meses de política de governo, fazendo o que o FMI manda. O Lula tinha um capital social e político de 53 milhões de votos para dizer não ao FMI, hoje sua erosão é avassaladora. O PT hoje se confunde com o PSDB, PFL na política econômica, nos acordos e conchavos e até na corrupção. Eu não tenho nenhuma dúvida que, em 2006, o PT terá uma derrota fragorosa. É triste, mas é esse o quadro.

IHU On-Line- Nesse contexto, para onde caminha o trabalho?

Ricardo Antunes- Estamos no século XXI, a primeira pergunta é que sociedade nós queremos? Queremos uma sociedade submissa, voltada para a acumulação de lucros do sistema financeiro, independente da humanidade ou nós queremos uma sociedade a serviço da humanidade. Essa é a primeira questão. E isso torna profundamente atual a questão do socialismo. Diferentemente do que ocorreu no século XX quando o socialismo foi derrotado, mas, com Fórum Social Mundial de Porto Alegre e da Índia, com o Zapatismo, o MST, as greves que ocorrem em certas partes do mundo, o movimento social na Bolívia, meses atrás, todos esses movimentos mostram que o descontentamento é enorme, e isso coloca uma questão central: o trabalho que estrutura o capital, desestrutura a humanidade: precarização, globalização, desemprego, sub-remuneração, exploração do trabalho, etc. Em contrapartida, o trabalho que estrutura a humanidade desestrutura o capital. O desafio do século XXI é resgatar o sentido do trabalho para que reconquiste o sentido de dignidade humana e estructure a humanidade. Para isso nós temos que desestruturar o sistema de mercado, de capital. Os apologistas da ordem vão dizer que isso é utópico, ou que não é novo. Nós respondemos que isso é o novo, o velho é reciclar o neoliberalismo e achar, como Fukuyama, que ele é inevitável. Entramos no século XXI com os EUA impondo para o mundo uma política agressiva, destrutiva e terrorista. Vamos aceitá-la? É inevitável? É a mesma lógica que destrói a natureza e o ambiente. Nunca nós vivemos no mundo com tanta destruição ambiental. Poluição da água, do ar, é uma destrutividade em escala mundial. A lógica dos manuais empresariais diz que para que uma empresa seja racional precisa enxugar a força de trabalho, flexibilizá-la, precarizá-la e desempregar, quanto menos trabalhadores ela tiver e mais produtiva ela for, melhor é. Se cada empresa, no plano micro, expulsa força de trabalho e avança na racionalização de trabalho, se todas fizerem assim, a racionalidade no plano micro tem como resultado uma brutal irracionalidade global. Vamos aceitar isso como inevitável?

IHU On-Line- Portanto, o senhor vê sentidos bem contraditórios no trabalho?

Ricardo Antunes- O trabalho no capitalismo é servidão, é estranhamento, é alienação, é perda de sentido, é necessidade exteriormente imposta, é trabalho compulsório e forçado. Mas, quando se olha a história da humanidade, o trabalho também é criação, humanização, autoconstituição do gênero humano, o trabalho também é um momento de emancipação. Há uma dialética do trabalho: ele emancipa, mas também cria servidão; é autônomo, mas freqüentemente é heterônomo. Tem o sentido de emancipação, mas, com freqüência, é alienação. No século XXI, temos que pensar seu sentido fundamental: resgatar um trabalho

dotado de sentido, para que nossa vida fora do trabalho também seja dotada de sentido. É pura ficção imaginar que o trabalho possa ser desprovido de sentido dentro do trabalho e que nossa vida possa ser provida de sentido fora do trabalho. Esse é o núcleo do meu pensamento.

IHU On-Line- Quais são os grandes pensadores do trabalho no momento atual?

Ricardo Antunes- Eu faço parte de uma linhagem de autores que resgata esse sentido duplo, vivo e contraditório do trabalho. Então, por exemplo, eu simpatizo com a obra do francês Alain Bihr², tenho confluência também com István Mészáros, que escreveu o livro **Para além do Capital**³, obra monumental. Acho também importante o trabalho que o Robert Castel faz na França, especialmente ao mostrar os laços de sociabilidade que nascem na esfera do trabalho⁴. Eu recuso aqueles autores que fazem um réquiem do trabalho sem fazer um réquiem do capital. Eu acho muito fácil dizer que se quer o fim do trabalho, e não dizer que se quer o fim do capital. Fica a idéia de que podemos ter uma sociedade capitalista sem trabalhadores que é pura ficção. O que acho fundamental hoje é dizer eu quero o fim da sociedade destrutiva do capital e o fim do trabalho alienado, do trabalho abstrato, assalariado, e isso é condição para resgatar uma sociedade para além do capital e para além do mercado. Uma sociedade onde o trabalho seja dotado de sentido humano, criativo e societal. Eu tenho também uma grande admiração por Robert Kurz, porque faz uma crítica decisiva ao caráter destrutivo do capitalismo. Mas, tenho uma diferença grande com Kurz: ele acha que o trabalho é sempre alienado e que, portanto deve ser eliminado. Eu, na herança do pensamento de Marx e de Lukács, penso que o trabalho no capitalismo é alienado. O trabalho, na sociedade feudal é servil, o trabalho na sociedade greco-romana é escravocrata, mas o trabalho também é um momento fundante da atividade humana que permitiu, inclusive, que o homem se humanizasse e se diferenciase dos animais. Nesse sentido, o trabalho pode ser criação, autonomia, e ponto de partida para emancipação, mas para isso é preciso destruir os pilares da sociedade do capital.

IHU On-Line- Qual é sua mensagem para o dia Mundial do Trabalho e como a Universidade entra na hora de pensar o mundo do trabalho?

Ricardo Antunes- O primeiro de maio simboliza um dia histórico. Um dia em que as forças sociais do trabalho disseram para o capital: “Este mundo não nos interessa”. O nosso desafio hoje é pensar nesta nova polissemia que marca o mundo do trabalho, como é possível que hoje o que eu chamo de “classe-que-vive-do-trabalho” possa resgatar o sentido de pertencimento de classe e reconstruir e redesenhar um projeto de sociedade de modo muito amplo, muito alargado. A universidade é fundamental nisso tudo, porque, tanto no Brasil quanto na América Latina, se tentou e, em alguns casos se conseguiu, destruir a universidade pública, porque ela pensa a humanidade e o sistema de mercado como a expressão viva da desumanidade.

² Alain Bihr, doutor em sociologia trabalha na Université de Haute Alsace, Mulhouse e é autor entre outros livros, **Da Grande Noite à alternativa. O movimento operário europeu em crise**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999, 2ª. Edição. Hoje pesquisa mais detalhadamente o avanço do movimento integrista na Europa. (Nota do IHU).

³ Campinas: Boitempo/Ed. Unicamp, 2002.

⁴ Robert Castel é autor do notório livro **As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário**, Petrópolis:Vozes, 1998. O último livro de R. Castel é **L'insécurité sociale. Qu'est-ce qu'être protégé?** (A insegurança social. O que é ser protegido?) Paris: Seuil, 2003. A revista **Alternatives Économiques**, no. 61, 3º trimestre de 2004, publica uma longa entrevista com o autor sob o título **Pour un nouvel Etat social** (Por um novo Estado social). Nota do IHU.

Mercado não rima com humanidade, capital não rima com humanidade; universidade rima com humanidade, por isso ela tem um papel importante.

A GLOBALIZAÇÃO DEVE SE ADAPTAR ÀS NECESSIDADES DAS PESSOAS, E NÃO O CONTRÁRIO

Entrevista com Robert Kurz

IHU On-Line entrevistou o sociólogo e ensaísta alemão Robert Kurz para a presente edição, por e-mail. Nascido em 1943, Kurz estudou Filosofia, História e Pedagogia. Atualmente vive em Nuremberg como publicista autônomo, autor e jornalista. Foi co-fundador e redator da revista teórica *Krisis - Beiträge zur Kritik der Warengesellschaft* (*Krisis - Contribuições para a Crítica da Sociedade da Mercadoria*). A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica do iluminismo e a relação entre cultura e economia. Publica regularmente ensaios em jornais e revistas na Alemanha, Áustria, Suíça e Brasil. O seu livro **O Colapso da Modernização** (São Paulo: Paz e Terra, 1991), também editado no Brasil tal como **O Retorno de Potemkin** (São Paulo: Paz e Terra, 1994) e **Os Últimos Combates** (Petrópolis: Vozes, 1998), provocou grande discussão e não apenas na Alemanha. Mais recentemente publicou **Schwarzbuch Kapitalismus** (*O Livro Negro do Capitalismo*) em 1999, **Weltordnungskrieg** (*A Guerra de Ordenamento Mundial*) e **Die Antideutsche Ideologie** (*A Ideologia Anti-alemã*) em 2003, não editados em português. De Kurz, publicamos um artigo na 26ª edição, de 15 de julho de 2002. Robert Kurz disponibilizou a entrevista a seguir, concedida ao **IHU On-Line**, em alemão, no sítio www.exit-online.org. A tradução da entrevista é da CP Traduções.

IHU On-Line - No Brasil, está crescendo o desemprego em um governo de esquerda do qual se esperava uma solução para esse problema. Por que o desemprego parece uma questão sem resolução? Há algum outro modelo alternativo ao binômio emprego-desemprego para nossas sociedades?

Robert Kurz - É uma contradição fundamental na forma de produção capitalista moderna, que por um lado ela se baseia na permanente transformação da energia humana em capital, e por outro lado obriga a concorrência para o desenvolvimento das forças de produção, na qual a mão-de-obra é transformada em objeto supérfluo. No passado, esta contradição sempre pôde ser compensada através da expansão dos mercados. Contudo, na terceira revolução industrial da microeletrônica, o efeito de racionalização é durável e maior do que o efeito da expansão. Até hoje, todos os modelos para se vencer esta crise global não obtiveram resultado, porque os mesmos não levam em consideração a obsoleta lógica de transformação de trabalho em capital e somente se ocupam da administração da pobreza. Se nos tornarmos improdutivos e cada vez mais recursos ficarem improdutivos, deveremos, em princípio, questionar categoricamente os atuais hábitos e formas de produção. Perante esta consequência, a discussão recua e ela se torna de certa forma maçante.

IHU On-Line - Como o senhor vê a relação entre Estado, mercado e terceiro setor? E o futuro dos partidos políticos e sindicatos?

Robert Kurz - A política como tal se torna um modelo em extinção. Essencialmente, o Estado e a política respondem unicamente às consequências de processos cegos de mercado e concorrência. Se essas consequências não forem mais controláveis, a competência da política desaparece. Só podemos ser um sujeito da política, se formos também sujeitos do trabalho e do capital. Quanto mais as pessoas se desligarem da lógica trabalho/capital, menos insensatas se tornam as esperanças no Estado. Por este motivo, muitos já não acreditam mais nos partidos políticos. O fazer político como tal se tornou hoje, de certa